

# FLOR DE PEDRA

AMOSTRA

# FLOR DE PEDRA

JOÃO ANZANELLO  
CARRASCOZA

AMOSTRA



Rio de Janeiro, 2024

AMOSTRA

Aos meus  
mortos,  
dedico  
como saudosa lembrança  
estas  
memórias vivas.

# Sumário

## LIVRO I

A vida até agora, 1

## LIVRO II

A vida daqui em diante, 143

AMOSTRA

AMOSTRA

**LIVRO I**

---

**A vida até agora**

---

## I. Quem sou eu?

---

Minha estirpe, de campo santo, congrega uma infinidade de tipos, os cemitérios-parque, os cemitérios-jardim, os cemitérios navais, os cemitérios de índios, as casas dos espíritos em Eklutna, as terras altas dos aborígenes, os cemitérios dos desertos, os cemitérios templários, os cemitérios clássicos (tão lindo o nome de alguns — Araçá, Caju, Quarta Parada, Chora Menino, Redentor, Parque dos Girassóis, Alegre, Cantareira), os cemitérios monumentais (Arlington National, Père-Lachaise, Catacombe dei Cappuccini, Highgate, Zentralfriedhof, La Recoleta, Abadia de Westminster), os cemitérios marinhos, os cemitérios verticais (o célebre San Cataldo), os cemitérios-árvores dos torajas, a ilha dos mortos em Veneza, as casas do eterno repouso dos cristãos, os cemitérios pirâmides, os cemitérios pastiches do Taj Mahal, tantos e infinitos espécimes como o tempo sem horas do universo — e eu, eu sou apenas o cemitério da pequena cidade de Cravinhos, necrópole municipal sem muitos atrativos, este é o meu destino, e assim eu sou, como os homens em mim enterrados — não importa quantos anos viveram, se famosos se tornaram; por onde a vida passa, uma história é escrita, e pelo meu intermédio, é possível rastreá-la. Bem-vindo a mim, e aos meus irmãos, somos todos, malgrado a distância e as falsas divisas, uma só terra à sua espera, mesmo com a virulenta concorrência, nas últimas décadas, dos modernos crematórios.

---

## II. Minhas razões

---

Por que relatar a minha história? Haverá quem se interesse por ela? A começar, falta-me papel, a escrita só pode se dar em páginas do pensamento, eu mesmo me contando, em zigue-zague, uns fatos que escolhi, apanhando minha vida pela ponta, como uma linha de carretel — o difícil, em certa idade, é enfiá-la na estreita casa da agulha, prepará-la para a mão da costura e, ato contínuo, espetá-la no tecido.

A razão que me convenceu foi, inicialmente, a monotonia; já se sabe que, uma hora, a existência (e tudo o mais nela) cansa, fatiga, exaure, e cedo ou tarde essa hora chega para quem está sobre a terra, se não é a própria, ou parte dela, como no meu caso; à minha outra parte, tronco e membros superiores, cabe o que me vai acima: os mausoléus, as campas, os sepulcros.

O sedentarismo gera apego, que, por sua vez, garante o movimento da paralisia. Na rota oposta, sabe-se que o nômade é desgarrado da fixação, mas nele se assenta a errância, na qual se aferra para sempre. O calcanhar da jornada sedentária — digo a minha, porque outra desconheço — é que, se o apego ao aqui e agora aborrece, o apego ao lá e há pouco pode dirimir a sensorialidade dos dias e trazer alguma satisfação.

Uma segunda razão, advinda da anterior, incentivou-me a considerar essa empreita: sem ter demandas em quantidade, o meu maior expediente é o ócio, o que me garante a escuta solta, a ponto de ouvir de um visitante, outro dia, um ditado definitivo, muito repetido e pouco praticado lá fora. Disse ele que a algumas pessoas, raríssimas, se lhes contam segredos, elas os guardam

vida afora como num túmulo, e, uma vez mortas, transferem-nos para seus jazigos num duplo sepultamento. Sem o que e a quem temer, achei por bem escavar os meus segredos: me custará algum tempo, e não porque meus segredos sejam valiosos, como relíquias achadas em catacumbas, mas porque segredos reclamam curiosidade, às vezes perversa — mais exato seria defini-los como vivências íntimas, desenterradas.

A razão definitiva, no entanto, última pá de cal nas minhas dúvidas, fincou-a como uma bandeira um senhor, meu conhecido há décadas, a quem me afeiçoei; adianto, sem mágoa, que a recíproca no caso não é válida, ele nunca esteve à vontade em meu quadrado. Obrigo-me a esclarecer como foi o nosso primeiro encontro, e que, sem o ter planejado, é já o movimento inicial dessa minha exumação. Pois bem: na régua dos tempos, beira a uns sessenta anos quando se deu aquela manhã, que ora me recordo, eu não tinha essa face que tenho hoje, eu não era senão um trecho de terra abrigando meia dúzia de campas simples, aquela manhã na qual veio até mim uma mulher esguia e alta, jovem ainda. Trazia numa mão um ramalhete de bétulas, que depôs no túmulo do irmão; e, na outra, a novidade, que, com a diferença de uma letra, atçou-me dois sentimentos: o espanto e o encanto. Na outra mão, junto ao colo, trazia o filho, um bebê envolto em xale, só o rosto à mostra, e nele a graça e a beleza reluziam. Era a primeira vez que eu via um homem em seus primórdios, eu que era também recém-nascido, eu que existia com o único fito de abrigar as vidas findas, e o meu futuro se limitaria a ser o que eu já era, espaço para o acúmulo de outras vidas findas, enquanto ao dele, claro, o universo reservava outro destino.



Os dois sentimentos se misturavam em mim; ora esse ocupava meu estado de espírito, como uma ânfora, ora aquele o superava em volume; e, nessa negociação, nenhum deles, espanto e encanto, arrefecia sua potência, era um duplo efeito de sentido. Eu me deparava, pela primeira vez, com alguém da mesma idade — e aquele alinhamento me levou não apenas a uma identificação com o bebê, mas à total empatia.

Dali em diante, passei a me ver sempre como um igual a ele, não obstante as óbvias diferenças. Ao longo dos anos, toda vez que nos encontramos, deixei tudo de lado para observá-lo com a condescendência de um semelhante, o afeto legítimo de um irmão, a solidariedade de um amigo. Assim, vi-o crescer, à medida que eu crescia; vi-o saltar da infância para a juventude, e dessa para a maturidade, até que a velhice o tomasse. À medida que acusava suas mudanças, percebia-as também em mim, embora a contagem do tempo seja diferente para nós: um ano dele corresponderia, talvez, a dez meus.

Nosso vínculo não se ateu à fragilidade dos laços ocasionais que costumam se dar comigo e todos os que vêm aqui enterrar seus mortos. Em menino, ele veio com a mãe se despedir do pai, motorista de ônibus que morreu num acidente rodoviário; adolescente, perdeu duas primas, um tio-avô, cinco colegas vítimas de febre aftosa; adulto, foi a vez de trazer a esposa, o irmão mais velho, uma amante com quem viveu anos às escondidas, uma dezena de parentes, outra dezena de conhecidos; dos 50 anos para a frente, até há pouco, foi um número de perder a conta, gente de seu círculo, nova ou idosa, bem ou malquerida.

Mas, tendo herdado do avô uma pequena fazenda, e para ir e voltar de sua lavoura, margeava a estrada — hoje rua — à minha frente, e, com meu portão central aberto, como olhos, de duas a quatro vezes na semana, nesses anos todos, eu o avistei passar dentro das caminhonetes que, de tempos em tempos, ele trocava. Tanto que aprendi a ler em seu rosto, quando dirigia em reduzida velocidade, se ruminava alguma mazela de ordem mundana, se ria de algum prêmio que o cotidiano lhe concedia.

Minha comunhão com ele se ampliou depois que completou 50 anos: deixou de fumar e deu para correr nos fins de tarde de sua casa, no centro da cidade, até aqui, onde se sentava num dos bancos diante de meu muro norte; em seguida, retornava no mesmo ritmo, que, se já não era célere, nos últimos meses mais parecia um caminhar de suplício — signo de sua resistência em nome de uma prática saudável. Nesse período de “convivência”, notei-o triste em muitas ocasiões; em outras, me alegrei com seu rompante de sorrisos, e o que mais me comovia era avistá-lo com o *headphone*, ouvindo músicas que eu só vim a conhecer, indiretamente, pelo seu cantarolar.

Ao vê-lo chegar aqui, na semana passada, para se fixar permanentemente, senti que era hora de rever minha vida e me dedicar a lembrar alguns acontecimentos que me substanciaram. Contribuíu, de forma cabal para minha decisão, o que ouvi de outro senhor, quando passou, anos atrás, lá fora: *Também podemos nos regozijar pelos lábios que narrem uma história*. Mesmo que os lábios narrem só para si, como se dá comigo.

---

### **III. Mais uma razão**

---

Há alguns meses, um pequeno evento aconteceu no meu extremo sul — a inauguração de uma nova ala, para sepulturas mais modernas; justo é dizer que foi uma inauguração apenas dos marcos divisórios, não houve morto nenhum, de ocasião, para estrear oficialmente o terreno batido. O prefeito da cidade, acompanhado de sua comitiva, proferiu um discurso rápido, de improviso, demandas mais urgentes o esperavam. Argumentou que Cravinhos vivia uma inegável expansão, era oportuno e compulsório aquele meu alargamento, e convinha pensar com a mente do amanhã, como ajuizavam os bons acaides, se não era tempo de planejar a construção de um segundo campo santo, no bairro do Pedregal, condizente com as práticas contemporâneas do luto, e futuramente desativar o velho, referindo-se a mim. Dessa forma, trouxe-me mais uma razão para persistir em meu propósito, mesmo que não se possa dar demasiada fé à palavra de políticos. Sua peroração me feriu a autoestima. E já que ele insinuava o meu fim, senti-me desafiado a registrar o meu início e o meu meio.

---

### **IV. Meus sentimentos**

---

Ouço aqui muita gente dizer aos familiares dos mortos a expressão *Meus pêsames*, que bem entendo, mas a maioria prefere *Meus sentimentos*, o que, ao contrário, me faz hesitante: a quais sentimentos se referem? Pesar, tristeza, pieda-

de? Imagino que não seriam sentimentos de natureza oposta, como alegria, indiferença, vingança. Se bem que não posso provar que sejam nem uns, nem outros — registro aqui, diariamente, as mais estranhas e imprevisíveis condutas.

No meu caso, tenho não apenas razões para organizar minhas memórias e cantar, para mim mesmo, essa rap-sódia íntima. Tenho os *Meus sentimentos*, e, para não me ater ao ardid da linguagem genérica, especifico-os: solidão (que carrego como uma marca de nascimento), assombro (diante de tudo a que assisto), maravilha (que, de quando em quando, experimento por estar vivo) e medo (de perder o passado, pois, se não me recordo do que fui, minhas vivências se recobrem de camadas e mais camadas de esquecimento).

Meus sentimentos, noutras palavras, são uma mescla — como as variadas ores nas minhas sepulturas — de pasmo, consternação e enlevo.

---

## V. Advertência

---

Engana-se quem pensa que vou tratar do fado, da ceifadeira, de vermes e carcaças, não vou falar de pestilência, nem de ratos, do odor das velas que ardem sobre meus túmulos, tampouco das campas humildes ou dos arrogantes sepulcros, não vou falar dos escuros mármorees que cintilam em mim ao sol da manhã; se a eles fizer menção, será para dar forma estável às minhas reminiscências e ser fiel ao espaço onde habito; esses tropos e temas (óbvios) são pedras

adjuvantes, nem de longe rivalizam com as fundações (invisíveis) do meu ser; não é no grau zero da claridade que a luz principia, mas no índice máximo do escuro; minha essência não está sob a pele da terra, nos subterrâneos apagados do mundo, minha essência está do lado de fora, no avesso de minhas profundezas, onde meus muros e o céu sobre o terreno que ocupo se desvelam à vista estrangeira, mesmo à mais fortuita; daqui em diante, não reinará a liturgia do fim, mas o evangelho do durante, pois quem protagoniza meus devaneios e minhas dores não é a morte, que essa está bem mais presente, cumprindo o seu ininterrupto ofício, em outros lugares; ela está aqui unicamente como resultado de seu agir, aqui é um mero posfácio, ela opera em rodovias, camas de hospitais, alcovas de motel, casas lúgubres e ruas solares, em qualquer sítio onde a matéria (até mesmo aquela de que são feitos os sonhos) se aninha, aqui a morte pouco atua (não sou o seu *locus* predileto), ironia alguém morrer entre meus muros numa visita de rotina ou no rastro de um féretro, embora haja um e outro caso; vi tanta gente que, ao trazer os seus mortos, achava-se, e nem o sabia, a um passo do aneurisma, pais prestes a uma síncope, mães esmagadas pela saudade (que apenas começara), mas a vida neles se manteve, mesmo em destroços, porque a vida, quando vê outra vida se findar, obriga-se a resistir, e, por inexplicável motivo (talvez a sua sina), vai aos poucos se recompondo, e o tempo, então bruto, assenhora-se de sutilezas silenciosas; o tempo, artífice do esquecimento, muda a direção do olhar para que a paisagem se renove, para que, no rosto dos recém-nascidos, se perceba os traços dos que

se foram, a curva dos lábios, o lóbulo da orelha, a cor dos olhos, para que no sorriso das crianças que chegam os vivos reencontrem seus familiares (falecidos); a morte age ostensivamente lá fora, muito além de mim, a morte aqui tem mínima valia; por isso, eu reverencio quem narra suas memórias póstumas, mas, em minhas divisas, fulguram só lembranças vivas, aqui o que vigora é a vida, a vida que me alumbra e me faz recordar que, onde ela está, o adeus (ainda que calado) se anuncia, onde ela está, por mais que se pense o contrário, o desespero se avizinha, onde ela está, o universo se recompõe e nos dá as boas-vindas; aqui, na parte que me cabe ser o que sou, não celebro a perda de um ou outro homem, celebro a humana existência (que só é humana porque, o tempo inteiro, as perdas andam e desandam em seu caminho).

---

## **VI. Antes**

---

Conto a minha história antes que as aparas se tornem pontas da madeira, o mal comece seu longo turno de trabalho — que cessa só quando não há mais pulso —, antes que o exército de anticorpos se entregue à sedução do invasor, as roupas não caibam mais no corpo e exijam o fundo das gavetas, as forças de resistência finalmente se entreguem, a notícia consume o fato, o sentimento de perda invada meus sentidos, as narinas farejem o que tanto atemoriza — o desfecho fatal —, a última denteição da verdade se complete em minha consciência, os medicamentos não façam efeito,

antes que alguém, antecipando o anúncio, tenha de cuidar do enterro, o telefone toque na casa dos familiares com seu tom alegre e costumeiro (que esconde a certeza da finitude), antes que as condolências se tornem o cumprimento usual, os dizeres da faixa na coroa de flores (e também a coroa de flores) sejam escolhidos, o espanto, em sua máxima potência, não cesse de operar, os olhos não notem a imprecisa forma das coisas, o espírito, suspenso da normalidade cotidiana, experimente o alheamento de quem se vê em estado de choque, antes, antes, antes que seja apenas uma questão de dias, horas, minutos — como sempre foi e sempre será, mas que, para suportar o inevitável, eu finja esquecer que também vou morrer definitivamente.

---

## VII. Vozes murmurejantes

---

Inútil silenciar as vozes que me turbam e me perturbam ocasionalmente, umas veladas, outras veludas, filhas legítimas do meu ventre, se posso me valer de tal palavra. Obrigome a informar, desde já, que pertencem à minha própria carne, e seria injusto ocultá-las; afinal, não podemos evitar o pus da ferida, nem o perfume das flores, tampouco eliminar as marcas que nos diferenciam dos outros. Assim, por vezes, essas vozes vão ganhar espaço, entre os capítulos, em exposições solitárias, duetos, trios ou em coro. Vão vagar nos velhos vórtices velozes dos ventos, vãs e vulcanizadas; mas, apesar de vivíssimas em mim, a bem da verdade, todas elas, sem exceção, são de pessoas mortinhas da silva.

---